

REESCRITAS DO SAGRADO: O ROMANCE DA BÍBLIA: UM OLHAR FEMININO DO ANTIGO TESTAMENTO, DE DEANA BARROQUEIRO

Késia Oliveira*

A reescrita literária da Bíblia tem sido objeto de estudo e reflexão por parte de um sem número de estudiosos que discutem gênero, ponto de vista, personagens, dentre outras questões filosóficas e literárias. Desde a “A cicatriz de Ulisses”, célebre ensaio de Erich Auerbach, passando pelos estudos de Northrop Frye e Robert Alter, a narrativa bíblica ocupa, para além das exegeses que poderiam ser feitas dos textos religiosos, um lugar de destaque na ficção, sendo constantemente utilizada como tema literário por escritores como Dante Alighieri, William Shakespeare, Machado de Assis. Nessa tradição, destaca-se, contemporaneamente, a escritora portuguesa Deana Barroqueiro que em *O romance da Bíblia: um olhar feminino do Antigo Testamento*, publicado em 2010, reescreve alguns episódios bíblicos nos quais a mulher encontra-se como ponto central da narrativa.

Segundo Maria Teresa Horta, o livro de Barroqueiro apresenta um Antigo Testamento

repleto de anciãos preguiçosos, libidinosos e lascivos, de brutamontes ignorantes e violadores, convocados por um Deus irado frente à própria incompetência e à própria imagem, segundo a qual teria criado o homem, de quem afinal não gosta e castiga. (BARROQUEIRO, 2010, p. 8).

As adjetivações negativas, apontadas por Horta, revelam a desconstrução dessa figura que, na Bíblia, muitas vezes, é relatada como fonte de sabedoria, exercendo um papel importante na sociedade daquele tempo junto a juízes e profetas. A caracterização dos anciãos ligada à sensualidade e à lascívia, atributos, comumente, associados, à mulher,² põe em xeque o saber religioso, transformando o texto sagrado e reinscrevendo-o no espaço-tempo secular, profano.

O romance da Bíblia, ao revisitar as Escrituras, traz em primeiro plano algumas mulheres muitas vezes silenciadas no cânone bíblico judaico-cristão, como Agar, a escrava egípcia, e Judite, cuja história está presente na tradição judaica, mas ausente na Bíblia hebraica e protestante, questionando, de certa forma, a moral, as idealizações, os embustes masculinos e femininos.

*Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-Minas Gerais. E-mail: kesia@ufmg.br

²DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã: III. A mulher. In: _____. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 310-349.

O uso do intertexto bíblico e sua reinvenção crítica, realizada por Barroqueiro, pode ser observada em seu relato, presente na introdução do livro:

Pretendi que este meu livro fosse, em parte, uma crônica histórica da Antiguidade, ficcionada, cujo fio condutor seria a aventura dos sentidos, através do olhar magoado das mulheres e da sua luta pela existência, num mundo em que as descendentes de Eva eram consideradas pelos homens como mercadoria e inferiores aos animais, conceito que perdurará ainda hoje, perpetuado por determinadas interpretações fundamentalistas dos livros ditos sagrados, em nome de uma verdade religiosa que nenhum Deus, bom e justo, poderia alguma vez sancionar ou sequer tolerar. (BARROQUEIRO, 2010, p. 14).

A construção do texto a partir do “olhar magoado das mulheres”, revela, segundo Lyslei Nascimento, uma relação ambivalente com o episódio bíblico em um “misto de homenagem e de provocação, em certa medida, subvertendo os sentidos do texto sagrado, desqualificando o sistema e código ali vigentes e, sobretudo, se inscrevendo nos interstícios do texto bíblico, promovendo uma suplementação” (NASCIMENTO, 2015, p. 167-168). Vê-se, assim, que Barroqueiro se inscreve com expansões e reinvenções do texto bíblico, ao mesmo tempo em que, nessa apropriação, promove uma releitura crítica e ficcional das Escrituras, dando prosseguimento às narrativas bíblicas, trazendo à luz as histórias sobre Sara, Ester, Lia, Raquel, Dalila, Suzana.

Essa ficcionalização da Bíblia pode ser observada desde o título do livro: a palavra “romance” confere uma conotação ficcional ao texto bíblico. “O romance da Bíblia” pode significar, ainda, uma dupla perspectiva. Por um lado, o texto bíblico com seu pressuposto teológico repleto de numerosas narrativas e numerosos gêneros – epopeias, poemas, profecias, romances – que é reescrito na ficção por meio de estratégias intertextuais. Por outro lado, um texto dessacralizado que pode ser entendido como um conjunto de textos literários. O livro de Barroqueiro inscreve-se, portanto, nessa segunda perspectiva, na qual a Bíblia é tomada como literatura, indicando, desse modo, uma série de possibilidades de interpretações do sagrado.

O romance é narrado sob o ângulo de “um cronista daquele tempo, um pouco céptico, sem crenças em Baal, Marduk ou Jahweh, interessado em recriar espaços geográficos, ambientais, sociais e étnicos, segundo os testemunhos” (BARROQUEIRO, 2010, p. 6). Nota-se que esse tipo de narrador confere uma aparente credibilidade e verossimilhança aos textos apresentados. Em seu relato, o leitor percebe a manutenção de um tom religioso que faz com o que narrador se aproxime da figura de um compilador de fatos históricos. Esse narrador, assim, apresenta-se como um historiador, apesar de possuir uma dicção bíblica. Tome-se, por exemplo, o começo do capítulo “No início...”:

Deus sentira-se tal modo defraudado com a Sua criação mais auspiciosa e destinada ao domínio de todos os outros seres do Mundo – o Homem feito à Sua imagem e

Mulher concebida segundo a imagem aperfeiçoada do Homem –, ter resultado tão defeituosa e rebelde, que os expulsara do jardim do Éden e, apesar da insistência dos anjos, se mostrara inabalável na Sua recusa de uma nova tentativa para criar a Humanidade. (BARROQUEIRO, 2010, p. 19).

Percebe-se que o trecho é uma reescrita da narrativa do episódio do dilúvio, descrito em *Gênesis*:

e Iahweh viu a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mal todo desígnio de seu coração. Iahweh arrependeu-se de ter o feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração. E disse Iahweh: “Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei – e com os homens, os animais, os répteis, as aves do céu – porque me arrependo de os ter feito”. (Gn 2, 5-7).

A comparação entre os trechos permite, ao leitor, notar várias semelhanças na descrição da figura do homem, exposto em ambos os textos como uma criatura produzida à imagem e semelhança de Deus. Assim, embora o narrador atribua algumas adjetivações ausentes na Bíblia, tais como “defraudado”, “auspiciosa”, “defeituosa” e “rebelde”, o tom, o ritmo e o estilo buscam imitar a dicção do texto canônico.

O narrador de Barroqueiro, espécie de duplo do cronista bíblico, imita a dicção bíblica, simulando o lugar e o tempo de sua enunciação. A imitação, nesse contexto, é denominado “pastiche”, que, segundo Carlos Ceia (2010), “insere-se no espírito modernista da colagem e reaproveitamento de moldes e estilemas”. Esse reaproveitamento é encontrado em *O romance da Bíblia* e faz com que o leitor desconstrua os sentidos instituídos pelo discurso religioso.

O pastiche nos contos de Deana Barroqueiro se dá a partir da emulação do discurso bíblico encenado pelo narrador cronista, que incorpora certa dicção dos escribas bíblicos, pondo em evidência o fazer literário como um trabalho de reescrita. O romance marca, ainda, a ambivalência do pastiche, pois ao mesmo tempo em que se pode observar uma homenagem ao texto bíblico, vê-se uma subversão a partir da construção de vários personagens que possuem narrativas que parecem constituir uma história independente da Bíblia. Uma dessas personagens é Judite, analisada no artigo “Mulheres que matam”, por Lyslei Nascimento. Segundo Nascimento, a personagem, na Bíblia, é “a casta viúva que libertou o seu povo dos grilhões assassinos de Holofernes, mas para o leitor [do conto de Barroqueiro], a articulação do crime com a vingança e desta com a justiça é colocada sob suspeita” (NASCIMENTO, 2015, p. 171).

Além dessa personagem, no capítulo “As desditas de Davi”, ao contrário do relato bíblico, no qual o personagem é apresentado como um pastor de ovelhas, um herói ungido por Samuel para ser rei em substituição a Saul, Davi é um personagem retratado como “muito

idoso, de idade tão avançada que a sua velha carne já não aquecia [...] cheio de pontadas no peito e dores nos ossos, todo tolhido de reumático”. (BARROQUEIRO, 2010, p. 236)

No texto bíblico, Davi é um homem destemido, que ao encontrar um animal feroz, “o perseguia e o atacava pela juba, o feria e matava, tal como fora feito contra o filisteu Golias”, já no conto de Barroqueiro, o narrador afiança que “uma mulher formosa sempre teve o dom de transformar o rei Davi no jovem herói capaz de matar Golias, o gigante filisteu.” (BARROQUEIRO, 2010, p. 236) Nota-se, por esse trecho, que Barroqueiro desloca a força de Davi, atribuindo-a para a figura feminina, promovendo uma ruptura com a tradição bíblica e invertendo, assim, o papel secundário, muitas vezes, atribuído à mulher.

A masculinidade de Davi também é colocada em dúvida a partir da sugestão de um relacionamento entre ele e Jônatas, visto que Saul, na narrativa de Barroqueiro, assim o questiona: “ – Pensas que não sei da tua paixão infame por este pastor miserável? Sodomita, não vês que o opróbrio que é isso para ti e para tua mãe?” (BARROQUEIRO, 2010, p. 253)

Outro exemplo da subversão ou recriação do texto bíblico se dá na inserção de elementos alheios às Escrituras dispostos em “O ardil de Ester”. Na narrativa, põe-se em suspeita o sexo da jovem judia. Quando Ester está hospedada no harém do príncipe Khashayar Shah, o narrador comenta:

– Segundo consta, a misteriosa criatura não é fêmea, mas sim macho! Um rapaz de uma beleza tão perfeita e sedutora que suplanta de longe todas as virgens arrebanhadas pelos inspetores que o descobriram e não se resignaram a deixá-lo fora da seleção.

[...]

– O quê? Macho e fêmea ao mesmo tempo? (BARROQUEIRO, 2010, p. 335).

O questionamento sobre sexualidade de Ester desconstrói o sentido do texto religioso, no qual a personagem é relatada como uma mulher e uma heroína virtuosa. A simultaneidade dos dois gêneros em Ester apontada no trecho evidencia, ainda, que a escritora não apenas encena as vozes de algumas mulheres silenciadas no cânone bíblico, como Judite, mas também apresenta um outro olhar sobre o feminino quando produz em sua narrativa outros sentidos para o texto sagrado.

Barroqueiro apropria-se do texto sagrado, tendo como fio condutor na sua narrativa aquilo que não foi dito, demonstrando, assim, possíveis outras versões para as histórias, desconstruindo a ideia da constituição unívoca de um texto. Ao realizar um pastiche de alguns episódios do Antigo Testamento, Barroqueiro deixa vislumbrar, ainda, uma história vista de baixo,³ ressignificando a presença não só da figura feminina, mas de um suposto

³ BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

homoerotismo ou hermafroditismo, na Bíblia, cuja existência no cânone bíblico é frequentemente silenciada ou mencionada apenas de passagem.

As possibilidades de reinvenção das Escrituras em *O romance da Bíblia* demonstram, assim, que o resta ao escritor contemporâneo é “o pastiche ao infinito de estilos os mais variados – eruditos ou populares – para que [...] as histórias possam ainda ser contadas [...]” (MIRANDA, 2010, p. 131-136) conforme afirma Wander Melo Miranda. Nessa perspectiva, a reescrita é um mecanismo da criação literária, uma parte constitutiva da própria literatura, sobretudo, a contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: _____. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 1-20.

BARROQUEIRO, Deana. **O romance da Bíblia**: um olhar feminino do Antigo Testamento. Lisboa: Ésquilo, 2010.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Nova edição, revista e ampliada**. Trad. Euclides Martins *et alii*. São Paulo: Paulus, 2010.

CEIA, Carlos. Pastiche. In: CEIA, Carlos (Coord.) **E-Dicionário de termos literários**. 2010. **Disponível em:** <<http://www.edtl.com.pt>>. **Acesso em: 20 maio 2017.**

FRYE, Northrop. **O código dos códigos**: a Bíblia e a literatura. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

MIRANDA, Wander Melo. A liberdade do pastiche. In: _____. **Nações literárias**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010. p. 131-136.

NASCIMENTO, Lyslei. Mulheres que matam. In: JEHA, Julio; JUÁREZ, Laura;

NASCIMENTO, Lyslei. **Crime e transgressão na literatura e nas artes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 155-172.